

Capítulo Um

Certa vez, um tipo passou um dia inteiro a tirar bichos do cabelo. O médico disse-lhe que ele não tinha bichos nenhuns no cabelo. Depois de ter tomado um duche durante oito horas, permanecendo debaixo de água quente hora atrás de hora com dores provocadas pelos bichos, saiu e secou-se, e ainda assim continuava a ter bichos no cabelo; na verdade, tinha bichos por todo o corpo. Um mês depois, passou a ter bichos nos pulmões.

Não tendo nada mais para fazer ou em que pensar, começou a calcular em termos teóricos o ciclo de vida dos bichos, e, com o auxílio da *Britannica*, procurou determinar com precisão que bichos eram aqueles. Agora ocupavam-lhe a casa toda. Leu acerca de muitos e diferentes géneros e acabou por se aperceber de que os bichos se encontravam também fora de portas, daí concluindo que se tratava de afídios. Depois de essa conclusão ter sido desvendada na sua mente, nunca mais se alterou, independentemente daquilo que as outras pessoas lhe diziam... Coisas como: “Os afídios não mordem as pessoas.”

Tinham-lhe dito isso porque o ininterrupto mordiscar dos bichos o deixava atormentado. Na loja de conveniência *7-Eleven*, pertencente a uma cadeia espalhada pela maior parte do território da Califórnia, comprou latas de spray das marcas *Raid*, *Black Flag* e *Yard Guard*. Primeiro, pulverizou a casa, depois pulverizou-se a si próprio. A marca *Yard Guard* era a que parecia funcionar melhor.

Quanto ao aspeto teórico da coisa, conseguiu descortinar três fases no ciclo dos bichos. Em primeiro lugar, eram levados à sua presença com o intuito de o contaminar, por gente que ele designava como portadores, que eram pessoas que não estavam cientes do seu papel na distribuição dos bichos. Durante essa fase, os bichos não tinham ainda

maxilas ou mandíbulas (ele aprendera esta palavra durante as suas semanas de investigação intensiva, ocupação estranhamente erudita para um tipo que trabalhava na oficina Handy Brake and Tire a reparar os tambores dos travões dos clientes). Assim sendo, os portadores não sentiam nada. Ele costumava deixar-se ficar sentado no canto mais afastado da sua sala de estar, entretido a observar os diferentes portadores a entrarem por ali adentro — a maior parte deles pessoas que ele já conhecia há bastante tempo, ainda que outras lhe fossem totalmente estranhas — cobertas de afídios que atravessavam então a tal fase inofensiva. Então ele acabava por sorrir para si próprio, porque sabia que a pessoa em questão estava a ser usada pelos bichos e não dava conta de nada.

“Do que é que te estás a rir, Jerry?”, diziam-lhe.

Ele limitava-se a sorrir.

Na fase seguinte, os bichos ganhavam asas ou algo do género, ainda que na verdade não se tratasse de facto de asas; de qualquer modo, tratava-se de apêndices dotados de um género de função que lhes permitia dispersar em enxames, e era assim que migravam e se expandiam — especialmente na direção dele. Por esta altura, o ar encontrava-se já repleto de bichos, tornando a sua sala de estar, aliás, toda a sua casa, nublada. Durante esta fase, ele evitava a todo o custo inalá-los.

Acima de tudo, ele tinha pena do seu cão, já que conseguia ver os bichos a aterrarem e a instalarem-se em todas as partes do corpo do animal, provavelmente arranjando também forma de se meterem nos pulmões do cão, do mesmo modo que se tinham enfiado nos seus próprios pulmões. Era provável — pelo menos, era o que lhe diziam as suas faculdades empáticas — que o cão estivesse a sofrer tanto quanto ele sofria. Seria melhor ver-se livre do cão, para o bem do próprio animal? Não, acabou por decidir: por esta altura, o cão encontrava-se já infetado por contágio e acabaria por arrastar os bichos consigo para onde quer que fosse.

Às vezes, ele levava o cão para o chuveiro, tentando também lavá-lo ao mesmo tempo. Não tinha mais sucesso com o animal do que tinha consigo próprio. Dava-lhe dó ver o cão sofrer; nunca desistia de tentar ajudá-lo. Em alguns aspetos, esta era a pior parte, os sofrimentos do animal, que não tinha maneira de queixar-se.

“Que merda andas tu a fazer o dia todo no chuveiro com o raio do cão?”, perguntara-lhe certa vez o seu amigo Charles Freck, aparecendo no decorrer do banho.

Jerry respondeu-lhe: “Tenho de lhe tirar os afídios.” Então, aprestou-se a tirar *Max*, o cão, da banheira e começou a secá-lo. Charles Freck ficou a observar, perplexo, enquanto Jerry untava o pelo do cão com óleo para bebé e pó de talco. Por toda a casa, encontravam-se amontoadas ou atiradas para um canto latas de spray para insetos, frascos de pó de talco, óleo para bebé e cremes hidratantes, vazios na sua maior parte; por esta altura, ele servia-se já de um grande número de latas e frascos por dia.

“Não vejo afídios nenhuns”, disse Charles. “O que é um afídio?”

“Mais tarde ou mais cedo, acaba por matar-te”, disse Jerry. “Aí tens o que é um afídio. Estão no meu cabelo, na minha pele e nos meus pulmões, e a maldita dor é insuportável — vou ter de ir ao hospital.”

“E como é que eu não os vejo?”

Jerry deixou o cão ir para o chão, agora envolto numa toalha, e ajoelhou-se no tapete felpudo. “Eu mostro-te um”, disse. O tapete estava coberto de afídios; os bichos surgiam de todo o lado, em movimentos ascendentes e descendentes, alguns saltando mais alto do que outros. Procurou um exemplar particularmente desenvolvido, já que as pessoas tinham dificuldades em vê-los. “Traz-me uma garrafa ou um frasco”, disse. “Estão debaixo do lava-louças. Engarrafamo-lo ou cobrimo-lo com uma tampa, e depois já posso levá-lo comigo quando for ao médico para que ele possa examiná-lo.”

Charles Freck trouxe-lhe um frasco de maionese vazio. Jerry continuou a procurar, e por fim acabou por deparar com um afídio que pulava a uma altura de pelo menos um metro e meio. O afídio tinha mais de dois centímetros de comprimento. Ele apanhou-o, aproximou-o do frasco, depositou-o cuidadosamente no seu interior e de seguida apertou a tampa. Depois, segurou o frasco no ar com um ar triunfante. “Vês?”, disse.

“Simmmmm”, respondeu Charles Freck, com os olhos muito abertos enquanto escrutinava o conteúdo do frasco. “É mesmo grande, este! Uau!”

“Ajuda-me a encontrar mais para que o médico os veja”, disse Jerry, agachando-se mais uma vez sobre o tapete, com o frasco ao seu lado.

“Claro”, disse Charles Freck, e assim o fez.

Em meia hora, tinham conseguido encher três frascos com os bichos. Ainda que fosse então inexperiente no assunto, Charles conseguira encontrar alguns dos maiores.

Era meio-dia, junho de 1994. Estavam na Califórnia, numa extensão de terreno onde se encontravam casas de plástico baratas, ainda que resistentes, há muito abandonadas por gente normal. Numa altura ante-

rior, Jerry tinha pulverizado tinta metálica em todas as janelas, ainda assim, para que nenhuma luz entrasse; a iluminação da sala vinha de um candeeiro que ele tinha apetrechado unicamente com focos localizados, que se mantinham acesos dia e noite, para que a noção de tempo se extinguísse para ele e para os seus amigos. Ele gostava disto; gostava de se ver livre do tempo. Ao fazer tal coisa, podia concentrar-se em coisas importantes sem ser interrompido. Como esta: dois homens ajoelhados sobre o tapete felpudo, caçando bicho atrás de bicho para os colocarem dentro de frascos atrás de frascos.

“O que ganhamos com eles?”, perguntou Charles Freck mais tarde nesse dia. “Quer dizer, será que o médico nos dá uma recompensa ou algo do género? Um prémio? Alguma massa?”

“Destá forma, consigo ajudá-los a encontrar uma cura para os bichos”, disse Jerry. A dor, constante como se insurgira, acabara por se tornar insuportável; nunca tinha conseguido habituar-se a ela, e sabia bem que nunca conseguiria tal feito. O ímpeto, a ânsia que sentia para tomar um novo duche revelava-se mais forte do que ele. “Ouve, meu”, disse num sobressalto, pondo-se de pé, “continua a metê-los dentro dos frascos enquanto eu vou dar uma mijá e afins.” Encaminhou-se para a casa de banho.

“Está bem”, respondeu Charles, oscilando nas suas longas pernas ao inclinar-se para um dos frascos, com ambas as mãos em forma de concha. Na sua condição de ex-combatente, podia dizer-se que ainda tinha um bom domínio muscular do seu corpo; conseguiu chegar ao frasco. Mas, de repente, disse: “Olha, Jerry... estes bichos metem-me um bocado de medo. Não me apetece ficar aqui sozinho.” E levantou-se do chão.

“Seu cretino covarde”, disse Jerry, soçobrando com a dor, detendo-se momentaneamente na casa de banho.

“Será que não podias...”

“Tenho de dar uma mijá!” Bateu com a porta e abriu as torneiras do chuveiro. A água começou a jorrar.

“Tenho medo de estar aqui.” A voz de Charles Freck soou débil, ainda que fosse evidente que ele estava a gritar muito alto.

“Então vai-te foder!”, gritou Jerry por sua vez, entrando a seguir no chuveiro. Para que merda servem os amigos afinal?, perguntou a si próprio com rancor. Não servem para nada, não servem para merda nenhuma.

“Estes cabrões picam?”, Charles voltou a gritar, desta feita mesmo junto à porta.

“Sim, picam”, respondeu Jerry enquanto esfregava o champô no cabelo.

“Foi o que eu pensei.” Uma pausa. “Posso lavar as mãos para me livrar deles e esperar por ti?”

Cretino covarde, pensou Jerry com uma fúria rancorosa. Não disse nada, simplesmente continuou a lavar-se. O cretino não merecia sequer uma resposta... Não deu atenção a Charles Freck, apenas a si próprio. Às suas necessidades, vitais, exigentes, terríveis e urgentes como eram. Tudo o resto teria de esperar. Não havia tempo, tempo nenhum; coisas deste género não podiam ser adiadas. Tudo o resto era secundário. Exceto o cão; e pôs-se a pensar em *Max*, o cão.

Charles Freck telefonou a um tipo que esperava que tivesse produto para vender.

“Consegues arranjar-me umas dez mortes?”

“Porra, estou completamente nas lonas — ando a tentar arranjar para mim. Diz-me se entretanto conseguires algumas, estou mesmo a precisar.”

“O que se passa com o fornecedor?”

“Alguma rusga, talvez.”

Charles Freck desligou o telefone e depois começou a imaginar uma qualquer cena fantasiosa ao encurvar-se atordoado para sair da cabine telefónica (nunca se usava o telefone de casa para chamadas deste género), encaminhando-se depois para o *Chevy* que estava estacionado. Na fantasia que engendrara, ele atravessava de carro a fachada da Thrifty Drugstore, onde tinham uma montra gigantesca; garrafas de morte lenta, latas de morte lenta, potes e banheiras, vasilhas e taças de morte lenta, milhões de cápsulas, comprimidos e doses de morte lenta, morte lenta misturada com anfetaminas e heroína, barbitúricos e psicadélicos, tudo — e um cartaz gigantesco: AQUI DAMOS-LHE CRÉDITO. Para não mencionar: PREÇOS MUITO, MUITO BAIXOS, OS MAIS BAIXOS DA CIDADE.

Mas, na realidade, os armazéns Thrifty tinham geralmente uma montra cheia de ninharias: pentes, frascos de óleo mineral, desodorizantes em spray, porcarias desse género. Ainda assim, aposto que a farmácia nas traseiras tinha morte lenta guardada a chave e cadeado, na sua forma mais pura, não adulterada, intacta, pensava ele enquanto ia conduzindo o carro do parque de estacionamento até Harbor Boulevard, seguindo na direção do trânsito da tarde. Um saco com uns vinte e cinco quilos.